

## 31

### Certa criança

Falávamos em torno da criança,  
Numa reunião de cultura e amizade,  
Na infância a flor da Humanidade  
Que o Céu envia à Terra, em luzes de esperança,  
Quando o Irmão Frederico nos contou  
Por nota de serviço:

— Meus irmãos, quanto a isso,  
Tenho um caso expressivo a relatar:  
Sabem que fui pintor com grande clientela;  
Certa feita, um garoto abordou-me no lar,  
Seis janeiros de idade e presença singela,  
Envergando um roupão imundo e roto...  
Declarou residir num recanto de esgoto,  
Perdera os pais na morte e pedia-me um pão.  
Parei tocado de admiração.

Doía vê-lo assim, maltratado e sozinho,  
Figurava-se um pássaro sem ninho,  
Na manhã muito fria, a tremer e a tremer...  
Enquanto se servia,  
Qual se fosse num sonho de alegria  
Da porção de merenda improvisada,  
Fitei-lhe a cabeleira despenteada,  
Os olhos luminosos de candura,  
Os pés descalços com sinais de lama  
E, abeirando-me dele, perguntei:  
— Como se chama?  
Ele me respondeu, como que a medo:  
— Meu nome é Alfredo...

Uma idéia, de súbito, me veio:  
Pintá-lo nuns momentos de recreio.  
O pequeno aderiu. Pousou à minha frente,  
No grande ateliê a que levei-o.  
Após algumas horas, tive o esboço e a base  
Para a tela maior que, então, me vinha à mente...  
Depois disso, o “até breve” numa frase  
E alguns magros tostões na mão pequena.  
No entanto, ele indagou  
Num tom de voz de fazer pena:  
— O senhor não me quer para morar consigo?  
— Não, Alfredo, — aduzi, — tenho o meu próprio lar,  
Procura um outro amigo,  
Alguém há de surgir que te possa ajudar.

Olhos em pranto, entre magoado e aflito,  
Postou-se à frente do meu cavalete,  
Onde me vira trabalhar,



E disse: o meu retrato está bonito...  
Em seguida, saiu para não mais voltar.

Surge a pausa do amigo. A emoção se lhe aviva,  
Logo após, continua a narrativa:

— Dói-me rememorar, porém confesso:  
O retrato de Alfredo fez sucesso...

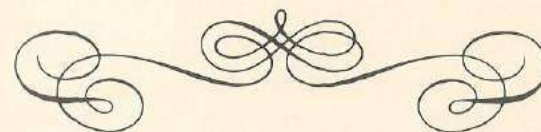
Ganhei muito dinheiro  
Em cópias e encomendas  
Para festejos e oferendas...  
Mas sempre conservei o original;  
Várias vezes, mudei de residência,  
No entanto, a grande tela  
A que emprestei o nome de "Inocência"  
Foi sempre, em minha sala de serviço,  
O quadro principal.

Trinta e cinco janeiros transcorridos,  
Com meus filhos casados... Eu doente,  
Certa noite, a lembrar os tempos idos,  
Observei que alguém, de passo leve,  
Penetrara-me a casa, mansamente;  
Colocando-me à espreita e firme à escuta,  
Vi que esse alguém  
Na sala de trabalho, quase à minha frente,  
Manejava lanterna diminuta...  
Sustentava, porém, junto ao meu leito,  
Num disfarce perfeito,  
O botão de uma forte campainha,  
Cujo toque de alarme  
Somente dava som em morada vizinha,  
Onde, a qualquer instante de perigo,  
Um devotado amigo

Estava pronto para auxiliar-me.  
Esse amigo que amei qual se fosse meu filho,  
Tinha uma chave de meu domicílio...  
Fiquei, ansiosamente, a esperar e esperar,  
Tremendamente mudo...  
O assaltante, contudo,  
Rebuscava o meu cofre, devagar...

Decorridos minutos,  
Um grupo socorrista,  
Ante a estranha ocorrência,  
Penetrou-me, depressa, a residência,  
E pôs-se logo à vista.  
Fez-se luz e agitado companheiro  
Atirou no infeliz  
Que caiu, colocando as mãos no peito.  
Ergui-me e vim para o recinto estreito...  
O assaltante era um homem bem vestido  
Que, a princípio, supus desconhecido;  
O sangue a borbotar do peito aberto  
Anunciava a morte, ali por perto...  
Ele, porém, fitou-me longamente,  
Depois de contemplar a tela em frente,  
E, em seguida,  
Falou-me em voz sumida:  
— O senhor  
Deve ser o pintor...  
Vai lembrar-se de mim...  
E como quem se via  
No instante amargo e exato  
Em que achava no piso o próprio fim,  
Disse ainda mais quase que em segredo:  
— Eu sou o Alfredo,  
O Alfredo do retrato...

Sob forte emoção,  
O amigo terminou a narração:  
— Naquela mesma hora,  
Debrucei-me chorando sobre o morto,  
Atrelado a terrível desconforto...  
E, ainda hoje, penso muitas vezes  
Que, na Terra, por mais que se resguarde  
A infância, como sendo a aurora da esperança,  
O socorro à criança  
Quase sempre é uma luz que brilha muito tarde...



32

## Deus te guarde

Deus te guarde, alma querida e boa,  
Pela dor que não dizes,  
Quando a injúria te induz a suportar  
Os problemas e os atos infelizes.

Deus te compense a tolerância  
Quando olvidas o mal,  
Interpretando aquele que te agride  
Por doente mental.

Deus te ilumine a frase de humildade  
Ante o verbo agressor,  
Quando te apagas para garantir  
A presença do amor.

